

FRED MELO PAIVA



As vértebras da minha coluna

Eis-me aí no cabeçalho. Eu mesmo: o possuidor desse cabelo lambido e desses olhos fundos – um sócio do Roberto Carlos, sendo a minha pessoa, aliás, igualmente Carlos. Carlos Frederico Melo Paiva. Mas veja bem: não me refiro a esse Roberto Carlos de blazer GG e ombreiras. Refiro-me, como sócio, ao Rei de antigamente, há muito deposto por esse que agora desfila, além do blazer, uma estranhíssima instalação capilar. Como eu ia dizendo, é porque eis-me aí no cabeçalho, com essa fachada de Jovem Guarda, que fui obrigado a abrir

mão de título almejado por nove entre dez jornalistas brasileiros: ser Elio Gaspari. Um Elio Gaspari de verdade não se deixa fotografar. Pelo menos, por causa do retrato no alto da página, as minhas tias lá em Minas poderão dizer: “Vejam, o Fred chegou ao topo.” Agora, porém, temi de merecer este espaço: 2.800 caracteres quinzenais – a minha parte no latifúndio em que triunfou, sem economizar na letra, o Euclides da Cunha. Vamo que vamo. É como diz o nome do bloco formado por meus colegas de profissão no carnaval do Rio: Imprensa que Eu Gamo!

Faz-se necessário, no primeiro número desta nova coluna, desprovida portanto de hérnias e escolioses, que se estabeleçam ao menos suas vértebras. Faço um juramento: ao mesmo tempo em que serei amoroso e condescendente com os bons personagens da cidade, espiñafarei aqueles que merecem – de usurpadores do bem público a celebridades das revistas de fofoca, começando desde já pela Luciana Gimenez, que “em terceira lua-de-mel pela Itália aproveita clima romântico para tentar o primeiro filho com o marido”. Ah, sai pra lá, respeita a água do Mick Jagger, que ela tá amarrada aí, coitada...



ILUSTRAÇÃO: CÍDIO GONÇALVES

Embora não seja este o caderno mais adequado para tal, não me furtarei a analisar, com o rigor de um Antonio Candido, a literatura de Gabriel, o jornalista de livros. Sim, o Gabriel Chaila, e não apenas ele. Serei, em suma, um fiscal do poder lotado em repartições aparentemente desimportantes. No exercício dessa função, denunciarei, por exemplo, modelos sem bunda, de forma a alertar as jovens de que o desbunde tem menos glamour do que se imagina. Tentarei, com todas as forças, não chocar o leitor com os meus palavrões, ficando combinado que bunda tudo bem. Ainda assim

tentarei evitá-la. Comprometo-me, sobretudo, a respeitar os mais velhos. Em um perfil de Oscar Niemeyer, publicado neste jornal em 2005, mencionei grosseiramente suas “orelhas avantajadas”. Fui condenado, com justiça, pela Associação Brasileira de Imprensa. Não é coisa que se diga de um senhor tão centenário quanto o Atlético Mineiro. A ele peço, atrasado, as minhas desculpas.

Por fim, este textículo – ao contrário daquele grafado com – será único: jamais escreverei outro em primeira pessoa. Desta água não beberei. Já me basto no cabeçalho. ●

PATRIMÔNIO

O mosaico de Portinari no prédio de Niemeyer

Faculdades vão revitalizar obra de 250 m², em processo de degradação

Eduardo Reina

No universo de obras-primas deixadas por Cândido Portinari, a cidade de São Paulo tem um pequeno e raro acervo. Um dos poucos mosaicos está em processo de degradação – apesar de muitos nem saberem que ele existe. O mestre de Brodóski criou um mosaico com quase 250 metros quadrados, no início da década de 50, na parede interna do Edifício e Galeria Califórnia, na Rua Barão de Itapetininga, região central. Esse trabalho, por muitos esquecido dentro de outro patrimônio histórico – de autoria de Oscar Niemeyer e Carlos Lemos –, deve passar por um processo de restauro até o fim deste ano.

Segundo estudiosos em arte, se trata de um mosaico raríssimo, classificado como abstrato, em função de uma linguagem pouco usual na obra do pintor. No Califórnia, as pastilhas são de vidro de 2 por 2 centímetros em tons de cinza, preto e vermelho. A assinatura de Portinari está no canto inferior direito, feita com pastilhas delicadamente recortadas, uma a uma. A obra foi executada para revestir parte da parede lateral direita da galeria, próxima da entrada do antigo Cine Barão, que se transformou recentemente num bingo e agora vai dar lugar a um teatro da União

das Instituições Educacionais do Estado de São Paulo (Unesp).

A obra está bastante desgastada e prejudicada em alguns pontos. Há muita sujeira e uma quantidade muito grande de pastilhas caiu ou foi retirada. O espaço acabou preenchido com argamassa. “Tinham colocado uma placa enorme do cinema num dos lados. Ainda dá para ver a mancha escura que a sujeira deixou. E na outra ponta havia as bilheterias. Eu trabalhei muito para retirar isso da frente”, conta o ex-síndico do condomínio Jaime David Winawer.

Próximo do guichê da portaria, o mosaico de Portinari foi corrompido, com instalação de luminária por sobre as pastilhas – e há até de uma câmera de segurança. Isso apesar de o edifício ser tombado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (Condephaat).

“Vamos investir R\$ 6 milhões na reforma do local (cinema) e construir um amplo teatro com 600 lugares, numa área de 1.800 metros quadrados. Vai se chamar Teatro Portinari e vamos restaurar essa obra importantíssima para o local e para São Paulo”, afirma o presidente da Unesp, Fernando Costa. O objetivo é iniciar as obras nos próximos dias e fa-



FILIPPE ARAUJO/AE

EDIFÍCIO E GALERIA CALIFÓRNIA – Com verba de R\$ 6 milhões, projeto da Unesp também prevê a criação de um teatro com 600 lugares

Instituições de ensino apostam no centro velho

...Algumas universidades em São Paulo voltaram a ocupar a região do centro velho, o que ajuda a revitalizar o local, que nas duas últimas administrações municipais passou a receber mais cuidados. A região já foi palco de importantes episódios na história estudantil, como o caso da “Batalha da Rua Maria Antônia”, que envolveu alunos da Universidade de São Paulo (USP) e do Mackenzie há exatamente 40 anos, em outubro de 1968.

A Universidade Estadual Paulista (Unesp) trouxe sua reitoria

para a Rua Quirino de Andrade. Anteriormente, estava na Alameda Franca, região da Avenida Paulista. Já a Universidade de Guarulhos (UnG) inaugurou em fevereiro sua Unidade Centro, no 4.º andar do Shopping Light, no Viaduto do Chá, bem ao lado do Teatro Municipal.

A própria Unesp comprou o edifício do antigo Mappin, na Rua Conselheiro Crispiniano, onde pôs cursos de graduação. E a Fundação Armando Álvares Penteado (Faap) inaugurou sua residência artística no Edifício Lutetia,

que foi idealizado pelo arquiteto Ramos de Azevedo e inaugurado nos anos 20. Tombado pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental (Conpresp), o Lutetia foi reinaugurado em 2004 pela entidade, após a restauração dos oito andares. Os dois primeiros são reservados para exposições do Museu de Arte Brasileira da Faap. Os demais contam com dez amplos estúdios para acomodação dos artistas que vão participar de palestras e espetáculos da Fundação. ● E.R.

A tramitação durou de 1951 a 1955. “As fachadas têm volumetria elegante e os pilares são em ‘V’. Ele (Niemeyer) não gosta tanto do Califórnia, mas é uma obra importante”, destaca Ribeiro.

O projeto da Unesp prevê também a revitalização da galeria, para ser transformada em ponto de encontro de estudantes. A entidade quer chegar a 50 mil alunos em seus quatro campi na região do centro velho da capital paulista. Na semana passada, Fernando Costa fechou convênio com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), que financiará parte das mensalidades dos universitários. “Temos uma riqueza cultural a serviço do aluno aqui e em todo o entorno”, afirma. Ainda funcionam hoje, no térreo do edifício, lojas de pedrarias, bares, restaurantes e outros estabelecimentos. Alguns deles, conforme o projeto, serão retirados, para que o mosaico de Portinari possa ganhar maior visibilidade. ●

zer a inauguração do mosaico e do teatro até o fim do ano.

‘NÃO CONHEÇO NADA DELE’

“Portinari? Não conheço nada dele, não. Ele faz quadro bonito, né? Passo aqui todo dia e nunca tinha lido esse nome aí embaixo”, diz a balconista Ma-

ria Suzana da Silva, que trabalha na Rua Barão de Itapetininga. “Esse monte de pedrinha amontoada é Portinari? Mentira”, completa a colega de serviço Cleide Silva.

Além da obra do pintor, o Edifício e Galeria Califórnia tem encanto próprio. O proje-

to é de autoria de Oscar Niemeyer e Carlos Lemos e foi publicado na revista *Habitat* em 1951. Pesquisa feita pelo arquiteto e urbanista Alessandro José Castroviejo Ribeiro mostra que a proposta demorou cinco anos para ser aprovada pela Prefeitura de São Paulo.

COMPORTAMENTO

Gol ‘quadrado’ vira cult e ganha aficionados

No sábado, um grupo se reuniu em concessionária para exibir suas ‘máquinas’

Edison Veiga

A foto ao lado não é de arquivo nem foi tirada numa concessionária 20 anos atrás. Há um grupo de aficionados na capital que se orgulha dos Gols “quadrados”, nas esportivas versões GT, GTS e GTi, que a Volkswagen produziu de 1984 a 2000 – aqueles com faróis dianteiros redondos. Depois de alguns encontros pelo interior paulista,

no sábado o clubinho se reuniu pela primeira vez em São Paulo. Das 13 às 17 horas, os integrantes exibiram seus “possantes” na frente da concessionária Volkswagen que fica na Avenida Cidade Jardim, esquina com a Brigadeiro Faria Lima. O velho Golzinho, quem diria, virou cult.

Os preferidos são os de 1994 para trás. Nada de Gol bolinha. “As pessoas têm uma admiração maior pelos quadrados”, acredita o comerciante Daniel de Nápoles, de 26 anos. A paixão pelo modelo vem “desde moleque”. “Meu irmão tirou



ANTONIO MILENA/AE

XODÓ – GTS era um sonho de Nápoles, desde ‘os tempos de moleque’

um GTS vermelho zero. Eu ficava sonhando”, conta. Hoje ele tem um igual, fabricado em 1993. Comprou no ano passado, por R\$ 17 mil. “Conheço quem já chegou a pagar R\$ 30 mil por um desses”, afirma. “Eu acho que é o carro mais bonito que existe.”

Daniel não costuma usar o Gol no dia-a-dia – para isso, tem um Palio 2007. Guardado, o Golzinho é bem mimado. “Troco óleo, faço revisão, limpo, dou polimento”, enumera. Por mês, calcula gastar mais de R\$ 200 para manter o xodó. Quando tirou CNH, os Gols esportivos

eram um sonho inacessível ao hoje analista financeiro Maurício Rugena, de 36 anos. Há cinco anos, já com a vida estabilizada, pôde concretizar o desejo de adolescente. “Comprei um GTS prata 89. Minha mulher fez um bico desse tamanho”, recorda, abrindo os braços.

De lá para cá, chegou a colecionar três. Mas era muita despesa e agora “só” mantém dois: um GTi azul 89 e a sua maior relíquia, o GT vermelho 84, do primeiro ano em que a Volks fabricou a versão. Como tem apenas duas vagas disponíveis na garagem de seu prédio – ocupadas pelo Corsa 2006 e pelo Ka 2007 que ele e a mulher usam diariamente –, precisa deixar as preciosidades em um estacionamento. “Gasto cerca de R\$ 400 por mês, mas vale muito a pena”, diz. “Isso aqui é a minha higiene mental.” ●

